



# O RETORNO DA BIOGRAFIA HISTÓRICA: DEBATES E DESAFIOS METODOLÓGICOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro <sup>1</sup>  
José Albio Moreira de Sales <sup>2</sup>

## *The Return of Historical Biography: debates and methodological challenges in the field of Education*

### **Resumo:**

O artigo trata de explicações que apontam causas do desterro do gênero biográfico no campo da História, do seu retorno à prática historiográfica e dos cuidados metodológicos exigidos pela Biografia histórica hoje. Trata-se de um recorte da metodologia de uma tese defendida em 2022, junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Buscou-se tecer ou representar a ideia de uma vida como "ato interpretativo", que não se assume como uma fórmula definitiva ou absoluta, mas é apresentada enquanto arquétipo ou instrumento heurístico, contudo, sem abrir mão de uma perspectiva realista que entende o ato interpretativo enquanto metáfora, nos termos de uma reedescrição do real. Analisamos aspectos de sua polêmica relação com a História ao longo do tempo, explicando o seu retorno à cena historiográfica, bem como se deu sua reabilitação diante da História, abordando os debates que envolvem esse longo processo. Tratamos também dos cuidados epistemológicos que orientam a escrita da Biografia histórica. Fundamentados em rigorosa revisão bibliográfica e na tipologia desenvolvida por Dosse (2015). Atualmente a Biografia histórica é exaltada e compreendida como uma área privilegiada nas diversas ciências sociais, e no campo da História em particular, é percebida como espaço ideal para a reabilitação do sujeito e valorização de suas experiências na História.

**Palavras-chave:** Gênero biográfico. Campo da História. Biografia Histórica. Experiências.

### **Abstract:**

*The article addresses explanations that point out the causes of the exile of the biographical genre in the field of History, its return to historiographic practice, and the methodological considerations required by historical biography today. It is a segment of the methodology of a thesis defended in 2022 within the Postgraduate Program of the State University of Ceará (PPGE/UECE). The aim was to weave or represent the idea of a life as an "interpretive act," which is not assumed as a definitive or absolute formula but is presented as an archetype or heuristic tool, while still maintaining a realistic perspective that understands the interpretive act as a metaphor, in terms of a re-description of reality. We analyze aspects of its controversial relationship with History over time, explaining its return to the historiographic scene and how its rehabilitation in the face of History occurred, addressing the debates surrounding this lengthy process. We also discuss the epistemological considerations that guide the writing of historical biography, based on a rigorous literature review and the typology developed by Dosse (2015). Currently, historical biography is celebrated and understood as a privileged field in the various social sciences, particularly in the field of History, where it is perceived as an ideal space for the rehabilitation of the individual and the valorization of their experiences in History.*

**Keywords:** Biographical genre. Field of History. Historical Biography. Experiences.

1. Doutor em Educação – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC-CE).

2. Doutor em História – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Associado - Universidade Estadual do Ceará (UECE).

## 1. INTRODUÇÃO

Esse artigo é resultado das reflexões teóricas que perpassam o fazer de uma tese de doutorado. Trata-se de um recorte da metodologia de uma tese defendida em 2022, junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). A perspectiva praxiológica bourdieusiana é utilizada na abordagem biográfica proposta como uma forma de compreender a vida do artista e professor universitário Geraldo Markan a partir de suas trajetórias, habitus e idiosincrasias. Isso significa que a vida de Markan é vista como um conjunto de práticas sociais que são influenciadas por fatores como sua formação, sua posição social e suas experiências pessoais. Essa perspectiva permite que o biógrafo compreenda a vida de Geraldo Markan em seu contexto social e histórico.

Em linhas gerais, se discute o desterro a que foi submetida à Biografia no campo, destacando aspectos de sua polêmica relação com a História em diversos contextos. Trata-se também de enfatizar seu retorno à cena historiográfica contemporânea e dos debates que o cercam, esclarecendo nossa compreensão sobre o gênero, no sentido de entender as razões de seu retorno e forte aceitação no meio historiográfico e as polêmicas que envolvem esse processo. Por fim, nos ajuda a compreender seus usos e abordagens por parte do historiador contemporâneo.

Além das seções de introdução e considerações finais o artigo está dividido em dois momentos, a saber: na primeira parte, intitulada *Biografia e História: aproximações e distanciamentos*, amparados em rigorosa revisão bibliográfica, historicizamos a imbricada e polêmica relação entre o gênero biográfico e a História ao longo do tempo, apontado suas divergências e aproximações e destacando seu retorno e reabilitação no campo da História. Na segunda parte, intitulada *Biografia Histórica: apontamentos metodológicos*, explicamos a importância da Biografia histórica para historiografia hoje, destacando os cuidados metodológicos que o historiador deve tomar, enfatizando seus limites, particularidades, usos e abordagens. Ademais, explicamos a importância da Biografia histórica para reabilitação das experiências e do papel ativo dos sujeitos na História. Isso significa que, ao reconhecer a agência dos sujeitos biografados, os historiadores podem evitar uma visão determinista e estática da história, que nega a possibilidade de mudança e transformação.

Nessa sentido, a vida de Geraldo Markan é vista como um conjunto de práticas sociais que são influenciadas por fatores como sua formação, sua posição social e suas experiências pessoais. Essa perspectiva permite que o biógrafo compreenda a vida deste sujeito em seu contexto social, cultural e histórico, considerando especialmente como suas trajetórias nos campos da

docência e da arte se entrecruzam na formação do artista-professor.

Por fim, ressalta-se que no campo da História da educação, as pesquisas biográficas têm crescido consideravelmente pelo menos desde a década 1980. Esse fenômeno ocorre, em grande medida, graças às discussões sociológicas sobre a importância do método biográfico e a inadequação de abordagens quantitativas exclusivas para compreender fenômenos humanos, que são simultaneamente subjetivos e de natureza social. Essa discussão, inicialmente provocada pelos estudos com imigrantes e marginalizados desenvolvidos pela Escola de Chicago, reverbera no meio intelectual da França nos anos 1980, a partir das traduções das obras do sociólogo italiano Franco Ferrarotti.

No contexto brasileiro, as pesquisas educacionais foram fortemente influenciadas pelos debates franceses, têm se voltado para a problematização da formação de professores. Assim, destacam-se estudos da história de vida dos professores(as) por meio de uma abordagem autobiográfica. Reconhecemos a importância desses estudos para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à história, memória e formação de professores. No entanto, nosso foco de pesquisa difere dessas abordagens, pois nossa proposta biográfica não se limita apenas às trajetórias do falecido professor de antropologia Geraldo Markan, mas também abrange suas experiências e trajetórias enquanto artista. Por fim, entendemos que apesar das especificidades dessas abordagens biográficas, elas não são necessariamente opostas, mas complementares.

## 2. BIOGRAFIA E HISTÓRIA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

A Biografia surge na Grécia clássica, entre os séculos V e IV a.C, como uma forma escrita de narrar Histórias de vida *sui generis*. Apesar da origem comum no mundo clássico, a Biografia nunca foi considerada como História (DOSSE, 2015), e as relações entre os gêneros sempre foram marcadas por incertezas, distanciamentos e conflitos. Logo, uma vez que as fronteiras e liames entre a erudição e a imaginação/ficção são extremamente difíceis de definir, podemos afirmar que: "A distinção entre Biografia e História é tão velha quanto a historiografia grega" (MOMIGLIANO, 1983, p. 108 *apud* DOSSE, 2015, p. 123).

As relações entre esses gêneros são conflituosas desde suas origens, na verdade elas nunca foram tranquilas, ao contrário, sempre foram marcadas por mútuas acusações e recíprocos distanciamentos. A partir de Tucídides, historiador grego do século V a.C., a História passa a reivindicar a possibilidade da construção de um discurso de verdade sobre o passado. Quanto ao gênero biográfico, percebe-se desde de sua gênese

que é "híbrido e compósito" (LORIGA, 2011, p.18), e por isso, até meados do século XX, no que concerne ao campo da História, foi postergado do debate acadêmico.

O nascente projeto historiográfico dos antigos gregos tem início com o esboço de uma operação historiográfica de Heródoto, assim, "A História como modo específico de discurso nasceu de um lento despontar e de separações sucessivas do gênero literário em direção à busca da verdade" (DOSSE, 2012, p.7). Já a Biografia, ao contrário, não tinha maiores compromissos com o rigor exegetico ou testemunhal sobre o discurso do passado. O gênero biográfico ligava-se muito mais ao onírico, à imaginação ou mesmo às epopeias cantadas pelos *aedos*. Desse modo, competia aos biógrafos exaltar a vida de personagens reais que pudessem servir de exemplo e transmitir lições de vida às novas gerações. No caso da História, Heródoto substituirá o primado do "aedo – o poeta cantador de lendas e distribuidor de *kleos* (a glória imortal para os heróis) – pelo trabalho da pesquisa (historiê), executado por um personagem desconhecido, o *histor*, que assume a tarefa de retardar o esquecimento dos rastros da atividade dos homens" (DOSSE, 2012, p.7-8).

Nessa perspectiva, a Biografia na antiguidade deveria oferecer um repertório de ações que serviriam de modelo a serem seguidos ou refutados, tendo, sobretudo, um objetivo moral que se conforma ao regime de historicidade *Magistra Vitae*, "segundo o qual cabe ao passado iluminar o futuro, oferecendo exemplos e contraexemplos de ação e de conduta que devem ser imitados ou refutados pelos homens do presente" (SCHMIDT, 2010, p.188). Nesse mesmo sentido, Loriga (2011) ressalta que a distinção entre Biografia e História é por vezes reivindicada pelos próprios biógrafos, e referindo-se a Plutarco, afirma que este "demonstra bem pouco interesse pelos fatos estruturais e reivindica o primado dos signos da alma sobre a etiologia política" (LORIGA, 2011, p.34). Recorrendo também ao autor de *Vidas Paralelas*, Dosse (2015, p. 127) explica que:

[...] Plutarco concebeu suas Biografias sob a forma de comparação dupla, confrontando os méritos e os defeitos de um herói grego e um romano. Platônico, não tem muita simpatia pela História e nega escrevê-la, dissociando desde de logo sua escrita biográfica do gênero histórico: "Não escrevemos História e sim Vidas", esclarece ele no prefácio "Vida de Alexandre".

O gênero biográfico sofre significativas metamorfoses no tempo. No entanto, a despeito da época, no que competem à escrita da História, as incertezas e conflitos que sempre marcaram a relação entre esses gêneros pertencem, essencialmente, à qualidade científica da verdade (LORIGA, 2011). Nesse caminho Dosse (2015) esclarece que o gênero foi obstinadamente desprezado pelos historiadores, desse modo: "Um muro tem separado o biógrafo do histórico, tachando-o

de elemento parasita capaz de perturbar os objetivos científicos" (DOSSE, 2015, p.16).

Abalada por ataques advindos da ênfase cientificista dos primeiros historiadores profissionais no século XIX, a Biografia acabou relegada a condição de um gênero menor, entrando em declínio e vivendo longo eclipse que se estende até o início dos anos de 1980 (DOSSE, 2015; LORIGA, 2011; DEL PRIORE, 2009). Seu retorno à pesquisa histórica é recente e tem promovido um rico debate que expõe suas ambiguidades.

Nas palavras de Levi (2006, p. 167):

Vivemos hoje uma fase intermediária: mais do que nunca a Biografia está no centro da preocupação dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades. Em certos casos, recorre-se a ela para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais.

A Biografia histórica hoje é compreendida como um espaço privilegiado de valorização do papel ativo dos sujeitos e de suas experiências dentro dos processos históricos. Seu retorno ao campo da História, entre outras coisas, se deve as recentes mudanças teórico-metodológicas inseridas na prática historiográfica, em especial as introduzidas pela Micro-História e pela Nova História Cultural, que dão ao gênero um novo fôlego. O olhar do historiador voltou-se a novamente para a narrativa e o campo da História assiste a volta do acontecimento, mas não necessariamente da História historicizante ou "positivista" (AVELAR, 2010). Outrossim, no campo da educação, as biografias se voltam para uma espécie de "hermenêutica da experiência" que intenciona dar sentido à experiência vivida, interpretá-la e dar-lhe coerência, constituindo assim um processo global de "formação", que justifica as práticas educativas conhecidas como "procedimentos de formação através das histórias de vida" (DELORY-MOMBERGER, 2011).

Dosse (2015) realiza uma historicização da Biografia, desenvolvendo uma tipologia própria que caracteriza as suas diferentes fases ao longo tempo. Conscientes dos recortes temporais adotados pelo autor, descreveremos a referida tipologia em suas linhas gerais, considerando que o mesmo a concebe como instrumento heurístico. Dosse (2015) narra a História deste gênero desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade, que segundo ele é marcada por uma virada hermenêutica e pragmática. Com esse objetivo, o autor diferencia três tipos de abordagem biográfica:

Dosse (2015) realiza uma historicização da Biografia, desenvolvendo uma tipologia própria que caracteriza as

suas diferentes fases ao longo tempo. Conscientes dos recortes temporais adotados pelo autor, descreveremos a referida tipologia em suas linhas gerais, considerando que o mesmo a concebe como instrumento heurístico. Dosse (2015) narra a História deste gênero desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade, que segundo ele é marcada por uma virada hermenêutica e pragmática. Com esse objetivo, o autor diferencia três tipos de abordagem biográfica:

Sem negar a evolução do gênero, que decerto sofreu mutações profundas, distinguiremos três modalidades de abordagem biográfica: a idade heroica, a idade modal e, por fim, a idade hermenêutica. Se conseguirmos detectar uma evolução cronológica entre essas três idades, veremos claramente que os três tipos de tratamento da Biografia podem combinar-se e aparecer no curso de um mesmo período (DOSSE, 2015, p.13, grifo nosso).

A idade heroica está imbricada ao regime de historicidade *magistra vitae*. Nesse modelo o que deve prevalecer é o exemplo moral, as qualidades morais dos indivíduos se sobrepõem às suas ações e os valores que ele incorpora devem servir como paradigma a ser seguido pelas gerações futuras. Esse modelo de Biografia pautada na exemplaridade moral e no distanciamento do gênero histórico permanece na idade média nas hagiografias, a escrita das vidas dos santos. Desse modo, "Como gênero literário, seu regime de verdade permanece distante daquilo que se espera do historiador. Distante do pacto de verdade que a escrita histórica pressupõe, a vida de santo ensina ao leitor algo bem diverso do fato atestado" (DOSSE, 2015, p. 137).

No medievo, a ascensão triunfante do cristianismo é elemento fundamental para a submissão do indivíduo a tutela divina. Sob uma perspectiva providencialista, o destino dos homens reflete uma trama traçada "de cima para baixo" e a vontade humana confunde-se com penitência. A imagem de Cristo deve sobrepor-se a do eu dos sujeitos, constituindo um ideal de identidade coletiva como expressam as seguintes palavras do evangelista Paulo: "Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20). Logo, sobre a essência da hagiografia podemos afirmar que "[...] copiam dos evangelhos a tensão constante entre o ser e o parecer. Trata-se menos de conhecer a vida autêntica de um indivíduo do que de edificar o leitor" (DOSSE, 2015, p.138). Por conseguinte, não se trata de narrar o que passou, mas destacar o que é exemplar na ação. Trata-se de valorizar não a figura do santo em si como um fim em si mesmo, mas antes os testemunhos de uma relação experiencial com Deus; portanto, a hagiografia é antes de tudo o discurso das virtudes.

A renascença simboliza uma série de transformações estruturais na rígida ordem social medieval. O

ressurgimento do comércio e das cidades, a decadência do modo de produção feudal, o fortalecimento das monarquias são alguns elementos fundantes de uma nova ordem social que no campo cultural se expressa por meio do humanismo (SEVCENKO, 1988). Longe de uma postura ateia ou ceticista, ainda submersos no universo mental cristão, os humanistas ousaram revalorizar a cultura pagã greco-latina, retomando os pilares do pensamento ocidental. Essa nova postura diante do mundo promove a valorização do indivíduo e suas potencialidades, fato que se atrita com a concepção teológica dominante que cultivava em seus púlpitos o dogma da imagem de um homem pecador e decaído, carente da graça e do perdão, e que em busca da remissão dos pecados, da expiação, curvava-se e negava-se a si mesmo ante a soberania e misericórdia divinas. Os humanistas eram:

"todos cristãos e apenas desejavam reinterpretar o evangelho à luz da experiência e dos valores da Antiguidade. [...] exaltavam o indivíduo, os feitos históricos e a capacidade de ação do homem, sua liberdade de atuação e de participação nas vidas das cidades" (SEVCENKO, 1988, p. 14).

O inexorável desenvolvimento do individualismo deixa marcas importantes na escrita biográfica. Nesse sentido o século XVIII é um divisor de águas. Afastando-se de uma Biografia cavaleiresca ou mesmo do panegírico que se propunha a imortalizar monarcas, o movimento ilustrado promove a "crise dos heróis". Os heróis são destituídos de sua tradição olímpica, e de semideuses são conduzidos à condição de simples personagens de uma narrativa (DOSSE, 2015). Doravante, a figura do herói que perdurava desde antiguidade será substituída pelo "grande homem". Como bem esclarece Dosse (2015, p. 160-161): "Após o paroxismo a que se chegou com o culto do herói, fixado no corpo de Luís XIV, inicia-se um novo período, o do século XVIII das luzes, no curso do qual a exemplaridade heroica desce de seu pedestal e se difunde pelo corpo da sociedade".

A decadência do herói é evidenciada desde as críticas de Voltaire, para quem os grandes homens são superiores e se destacam por possuírem valores morais e universalizantes pautados na paz e na moderação. Por conseguinte, a belicosidade típica dos heróis que outrora fora sinônimo de virtude passa a ser interpretada como anacrônica e deletéria. Na mesma perspectiva, a Revolução Francesa colabora com a resignificação do mito heroico, revitalizando um gênero que caía então no esquecimento. Como realização da vontade popular e triunfo da razão ante o obscurantismo, a Revolução Francesa de 1789 deve distanciar-se do arbítrio, o que permite o surgimento de um novo ator político, um mártir da causa revolucionária: o "herói revolucionário" (DOSSE, 2015). A crise do herói que inicia e toma corpo ao longo do século XVIII agrava-se no século XIX, como decurso do avanço dos valores liberais e do

aprofundamento das questões sociais. Isso repercute tanto na escrita literária como na historiográfica.

A decadência do herói é evidenciada desde as críticas de Voltaire, para quem os grandes homens são superiores e se destacam por possuírem valores morais e universalizantes pautados na paz e na moderação. Por conseguinte, a belicosidade típica dos heróis que outrora fora sinônimo de virtude passa a ser interpretada como anacrônica e deletéria. Na mesma perspectiva, a Revolução Francesa colabora com a ressignificação do mito heroico, revitalizando um gênero que caía então no esquecimento. Como realização da vontade popular e triunfo da razão ante o obscurantismo, a Revolução Francesa de 1789 deve distanciar-se do arbítrio, o que permite o surgimento de um novo ator político, um mártir da causa revolucionária: o "herói revolucionário" (DOSSE, 2015). A crise do herói que inicia e toma corpo ao longo do século XVIII agrava-se no século XIX, como decurso do avanço dos valores liberais e do aprofundamento das questões sociais. Isso repercute tanto na escrita literária como na historiográfica.

Diante do campo da História, a Biografia se vê submetida aos arroubos cientificista desta jovem disciplina e por isso acaba relegada a condição de subgênero, rebaixada a uma mera subdisciplina auxiliar. Mesmo submetido ao desdém dos eruditos e apartado da academia ela acaba tendo importante sucesso, caindo no gosto popular. Entretanto, isso não significou sua reabilitação e assim continuou desprestigiado pelos historiadores no século XIX, que de um modo geral não cultivaram o gênero biográfico. Ademais, mesmo que importantes historiadores como Thomas Carlyle ou Jacob Burckhardt, cada um a seu termo, tenham mantido o culto idílico ao grande homem e apesar da manutenção do culto ao herói como extensão do culto à pátria, é fato que a celebração do grande homem não reabilita o gênero biográfico no campo da História (DOSSE, 2015). Destarte, se o século XIX pode ser considerado muitas vezes a idade de ouro da Biografia, isso só ocorre porque acima de tudo, ele é o século da História:

Se o século XIX aparece às vezes como a idade de ouro da Biografia, isso acontece porque nos esquecemos de que ele é, acima de tudo, o século da História. A Biografia não passa de um parente pobre, de um gênero menor, desdenhado e relegado a alguns polígrafos sem prestígio intelectual. Vê-se isso desde o começo do século, antes mesmo da profissionalização do ofício do historiador, que só ocorre de fato a partir de 1880 (DOSSE, 2015, p.171-172).

Ao longo dos séculos XIX e XX a Biografia é posta em desterro. Torna-se mesmo o local de refúgio da historieta. Esse longo e demorado eclipse se deve

essencialmente ao, "[...] mergulho da História nas águas das ciências sociais, graças à Escola dos *Annales*, tanto quanto o triunfo exclusivo das teses durkheimianas, contribuíram para a radicalização de seu desaparecimento em proveito de lógicas massificantes e quantificáveis" (DOSSE, 2015, p. 181). A ascensão da sociologia durkheimiana, a sua adoção pelo programa dos *Annales* e o triunfo das teses estruturalistas nas ciências sociais, são os acontecimentos que caracterizam o segundo momento da escrita biográfica, o qual Dosse (2015) denomina de idade modal. Nas palavras do autor:

Este segundo tempo da escrita biográfica, que corresponde tanto a um momento histórico quanto a uma forma de abordagem sempre atual do gênero, consiste em descentralizar o interesse pela singularidade do percurso recuperado a fim de visualizá-lo como representativo de uma perspectiva mais ampla. A Biografia modal vida, por meio de uma figura específica, ao tipo idealizado que ela encarna. O indivíduo, então, só tem valor na medida em que ilustra o coletivo. O singular se torna entrada do geral, revelando ao leitor o comportamento médio das categorias sociais do momento (DOSSE, 2015, p.195).

Os *Annales*<sup>3</sup>, importante movimento intelectual francês que surge nas primeiras décadas do século XX, e que deu origem a nouvelle histoire, revoluciona a historiografia ao aproximar-se das ciências sociais ao mesmo tempo em que rejeitava o modelo historiográfico rankeano, então hegemônico na Alemanha em fins do século XIX e que reverberava na escola metódica francesa, em especial no livro clássico Introdução aos Estudos Históricos dos historiadores Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos. Essa obra foi referência na formação de várias gerações de historiadores naquele país e consagrava um modelo historiográfico que, em linhas gerais, se baseava em uma filosofia da História positivista e reduzia os fenômenos sociais a leis gerais, orientando-se por um estatuto quantitativo, nomológico e cartesiano. Na contramão desse paradigma historicizante, os fundadores dos *Annales* defendiam o seguinte programa:

Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa pela História-problema. Em segundo lugar, a História de todas as atividades humanas e não apenas História política. Em terceiro lugar [...] a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras (BURKE, 2010, p.12).

Dosse (2015, 1994) não desconsidera a importância pioneira dos *Annales*, antes valoriza seu esforço de romper com o que chama de "ranço positivista", exaltando a ânsia que move os primórdios desse grupo em busca da totalidade e de uma História-problema

3. Segundo Burke (2010, p.36): "Originalmente chamada de *Annales d'histoire Économique et sociale*, tendo por modelo os *Annales de Géographie de Vidal de Blache*, a revista foi planejada, desde seu início, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer liderança intelectual nos campos da História social e econômica. Seria o porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da História".

que se distanciasse do “fetichismo dos fatos” e que se abria ao diálogo interdisciplinar, promovendo uma ruptura teórico-metodológica essencial para o desenvolvimento da historiografia ao longo do século XX. Contudo, o autor chama a atenção para dois aspectos basilares deste movimento historiográfico que acabaram colaborando diretamente para o descrédito biográfico. Primeiro ele destaca a forte influência da Sociologia durkheimiana sobre Marc Bloch e Lucien Febvre, os “pais” fundadores dos *Annales*, que ao adotarem o programa sociologizante de François Simiand, assumiam uma perspectiva que “se apoia no caráter exógeno das leis sociais com relação às lógicas individuais [...] a sociedade funciona segundo os princípios de uma física social como sistema de forças a atuar sobre o indivíduo” (DOSSE, 2015, p.197-198). Posteriormente, o autor destaca a heterogeneidade que marca o movimento dos *Annales* e alerta para o que chama de “fator Braudel”. Segundo Dosse (2015), o discurso estruturalista de Fernand Braudel, ícone da historiografia francesa, marca a segunda geração daquele movimento no período de 1950-1970, tornando-se fundamental para a manutenção do desprezo do historiador à Biografia.

Ao abordar a influência das ciências sociais sobre os fundadores dos *Annales*, Dosse (2015) destaca a importância do sociólogo durkheimiano François Simiand que acusava os historiadores de cultivarem três ídolos: a cronologia, a política e a Biografia. Simiand instava que os historiadores abandonassem seus ídolos em razão de uma História científica. Seu programa, tal qual o de seu mestre “[...] pretende elucidar os fenômenos a partir de esquemas explicativos que recorrem a lógicas puramente sociais. [...] tenciona eliminar a equação pessoal do pesquisador com base no rigor de seu método”. Nesses termos, o indivíduo estava fadado à coerção, estando impotente diante do capricho irremissível dos fatos sociais. Em seu afã cientificista, Marc Bloch e Lucien Febvre, são seduzidos por esse discurso e, em linhas gerais, se apropriam dele em seu programa, adaptando-o ao território do historiador. Portanto:

Notadamente, retomam por conta própria a crítica de François Simiand à tribo histórica, e os três ídolos denunciados serão logo abatidos no novo discurso histórico que defendem. O gênero biográfico faz parte, como a História política, dos sacrifícios no altar da ciência- e por um longo período, pois a parte da Biografia irá oscilar de 1920 a 1976 entre 0% e 0,7% do conteúdo dos artigos. (DOSSE, 2015, p.198-199).

Mesmo que em suas obras, Bloch e Febvre, não tenham se afastado de todo do gênero biográfico, o fato é que, ao optarem por privilegiar os fenômenos de massa, acabaram por relegar os indivíduos a um papel meramente coadjuvante na História. No mesmo sentido, o papel de Fernand Braudel é fundamental. Braudel reafirma os fundamentos dos pioneiros

dos *Annales* e avança seu programa em direção às teses estruturalistas. Essas últimas também serão apropriadas por seus sucessores. “Os herdeiros de Braudel palmilham essa mesma senda do eclipse da Biografia e do autor, em proveito de lógicas estruturais [...] Desde [...] 1969, as publicações [...] dos *Annales* atestam esse ocaso do sujeito e, com ele, do gênero biográfico” (DOSSE, 2015, p.205).

Dosse (2015) reconhece e enfatiza o papel positivo do prócer da segunda geração dos *Annales* na defesa da História, entretanto, alerta para as consequências negativas que suas opções teórico-metodológicas terão sobre a Biografia. Para tanto, Dosse (2015) resume os embates de Braudel contra as teses de Claude Lévi-Strauss, antropólogo estruturalista que em seu clássico artigo *História e Etnologia*, publicado em 1949 e reafirmado em 1958 com a publicação do livro *Antropologia Estrutural*, proclama a superioridade da Antropologia no campo das Ciências Sociais. Segundo o aludido antropólogo, a História estava apegada somente às lógicas individuais, sendo por isso, superficial em suas análises. “Para ele, o historiador está condenado ao empirismo, ao observável, sendo incapaz de modelizar, portanto de ter acesso às estruturas profundas da sociedade” (DOSSE, 2001, p. 23). Nesse sentido, a História seria capaz de abordar apenas os fenômenos da consciência, que eram tidos por insignificantes, desta forma, representaria o nível mais baixo das ciências sociais. Reagindo ao desafio estruturalista posto por Claude Lévi-Strauss, Braudel lança em 1958 o texto “História e ciências sociais: a longa duração”, reafirmando a tradição dos *Annales* e o lugar da História no interior das ciências sociais. Desta feita:

Lembra a Lévi-Strauss a renovação efetuada por Bloch e Febvre, que levou a escola histórica francesa a considerar o tempo longo, a busca das estruturas, como verdadeiros privilégios em relação ao tempo curto, ilusório e insignificante.[...] Quanto à dimensão propriamente individual da História, que toma por assunto Felipe II ou Solimão, o Magnífico, é insignificante[...] essa morte do monarca mais poderoso da Europa é um não acontecimento para Braudel [...] (DOSSE, 2015, p.204-205).

Dosse (2015) explica que mesmo que a História tenha saído engrandecida desse confronto, o fato é que, em linhas gerais, no programa Braudeliano, as estruturas são privilegiadas em detrimento das ações humanas. Essas só são inteligíveis porque submetidas à lógica daquelas. Segundo Reis (2008), Lévi-Strauss pôs em dúvida a cientificidade da História e até mesmo a sua possibilidade como saber. Diante disso, Braudel, recorrendo à mesma estratégia que Marc Bloch e Lucien Febvre utilizaram nos debates com o sociólogo François Simiand, expõe a importância do trabalho interdisciplinar nas ciências sociais e ressalta o elemento central de sua crítica: a temporalidade da longa duração. Para Braudel, Lévi-Strauss teria muito

a aprender com os historiadores dos *Annales*, pois se equivocava ao desvalorizar a dimensão temporal, que os historiadores sempre privilegiaram.

Desse modo:

A grande voga das estruturas acentua essa inflexão do discurso do historiador, esse desvio da atenção que tinha tendência a valorizar as mudanças e que se orienta agora para as regiões imóveis do tempo. Fernand Braudel, com sua tese de 1947, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, desloca o olhar do historiador ao relegar o herói do período, Felipe II, a um papel secundário e fazer, pelo contrário, incidir o periscópio do historiador sobre as regiões imóveis, a fixidez do quadro geográfico do mundo mediterrâneo. (DOSSE, 2018, p. 265).

Nesse conduto, a História se tornava um processo sem sujeito, e o homem se torna impotente diante "das forças seculares que o condicionam e contra os ciclos econômicos da longa duração [...] perdeu todo o domínio sobre sua própria historicidade, ao ser devorado por ela e ao sofrê-la, espectador e objeto de sua própria temporalidade" (DOSSE, 1994, p. 46). A terceira geração dos *Annales*, formada por herdeiros de Braudel que partilhavam de sua perspectiva estruturalista, colaborou para que a Biografia permanecesse desterrada, ampliando deste modo o eclipse biográfico. Nesse sentido, a *Nouvelle Histoire*: "[...] se abeberou no estruturalismo, absorvendo um paradigma já em declínio" (DOSSE, 2015, p.206).

A instituição de uma terceira geração do *Annales* torna-se mais evidente nos fins dos anos de 1960. Doravante, a aposentadoria de Braudel em 1972, a ascensão institucional de Le Goff e François Furet e a prominência de historiadores como André Burguière, Jacques Ravel e Emmanuel Le Roy Ladurie, são marcos significativos nessa direção (BURKE, 2010). Dosse (1994), como dito anteriormente, é um crítico da *Nouvelle Histoire*. Ele defende que aquela geração simboliza uma ruptura que acabou provocando a perda de identidade da História.

Sobre o significado dessa ruptura para a pesquisa histórica, Dosse (2015, p.207), esclarece que ela:

[...] implica descentralizar, à maneira do programa estruturalista, aquilo que unifica o campo da pesquisa, ou seja, o homem como sujeito das transformações históricas. Essa descentralização permite ao historiador [...] promover um discurso que se oferece como científico na medida em que marginaliza sua variável menos flexível para uma História quantitativa, interditando, é claro, o gênero biográfico na prática histórica.

Nesse mesmo sentido, em suas versões estruturalistas, o marxismo também pode ser compreendido como

responsável pelo eclipse biográfico, uma vez que assume uma visão totalizante e privilegia as classes sociais, enfatizando os condicionamentos materiais na condução das ações coletivas e individuais. Destarte, "[...] não reserva as lógicas individuais um lugar significativo. O gênero biográfico é visto como um antigo legado da burguesia [...]. Torna-se, pois, fonte de alienação para os leitores [...]" (DOSSE, 2015, p.199).

Hoje já não há por parte do historiador que envereda pelos caminhos biográficos a necessidade de justificar-se diante dos seus pares, pois desde fins dos anos de 1980, nomes consagrados, muitos deles pertencentes à tradição dos *Annales* como o medievalista Jacques Le Goff, dedicaram-se ao gênero biográfico que já não é mais visto de maneira depreciativa; antes passa mesmo a ser exaltado e percebido como uma área privilegiada nas diversas ciências sociais. Le Goff, na sua Biografia de São Luís, confessa que "[...] a Biografia histórica é umas das maneiras mais difíceis de fazer História" (LE GOFF, 1996, p.13 *Apud* DOSSE, 2015, p. 278).

Na verdade, é ponto pacífico que a Biografia histórica nada tem a ver com a Biografia tradicional que exaltava "grandes heróis" por meio de narrativas lineares que idealizavam uma personagem homogênea que agia sempre coerentemente, consoante a uma inexorável teleologia. Assim sendo, a Biografia "Hoje, mais do que nunca, [...] desponta como um setor privilegiado de experiências de escrita que suscitam a paixão tanto de escritores como historiadores e pesquisadores em ciências humanas" (DOSSE, 2015, p.5).

A atual retomada e reconfiguração da Biografia denominada aqui de Idade Hermenêutica, é essencialmente caracterizada pela sensibilidade às subjetividades, o que torna o gênero muito mais reflexivo, ou seja, ela apresenta-se como a antítese da tradicional Biografia anedótica. Para Dosse (2015) vivencia-se hoje o retorno do sujeito, fato que teve na figura do filósofo Jean Paul Sartre grande contribuição na sua precursora Biografia sobre o escritor francês Gustave Flaubert, publicada na França no início dos anos de 1970. Segundo Dosse (2015, p. 231), em sua abordagem existencialista, Sartre "[...] internaliza o externo e exterioriza o interno. Graças a esse método rompe com o esquema de causalidade mecânica, que convém pouco ao gênero biográfico, e abre uma via para articular elementos singulares com a unidade de uma pessoa". Sartre assume uma visão dialética do indivíduo que é percebido como um universal singular, ou seja, sem negar a pressão que as relações sociais concretas exercem sobre os sujeitos também não nega aos últimos espaços de certa autonomia e liberdade (DOSSE, 2015).

Para além das contribuições da ontologia sartriana destacou-se também as contribuições da sociologia, em especial da Escola de Chicago e seus estudos

de relato de vidas. Nas palavras de (DOSSE, 2015, p. 241): "A sociologia contribuiu bastante para o retorno da sensibilidade biográfica, graças ao sucesso obtido nos anos 1970, pelos relatos de vidas anônimas onde se via o mundo que perdemos em virtude da modernização acelerada". No entendimento do aludido autor a crise/retração do estruturalismo no fim dos anos 1960 (DOSSE, 2018) repercute nas ciências sociais em geral permitindo a reabilitação do sujeito, como é evidenciado na passagem a seguir: "O indivíduo fora até então uma variável a ser eliminada do discurso erudito. Primeiro os sociólogos, depois os historiadores se esforçam para reabilitá-lo como ator, como entidade pertinente às suas pesquisas" (DOSSE, 2015, p.241).

Em um primeiro momento, especialmente no contexto francês, os historiadores, influenciados pela forte tradição dos *Annales* não seguem o fluxo inaugurado pela sociologia, contudo as experiências biográficas fora da França e independentes da hegemonia dos *Annales* nunca deixaram de existir. É nesse sentido, que destacaremos a Micro-História italiana sobre a qual teceremos breves comentários, em secção específica. Deste modo, o que por hora nos interessa evidenciar, de modo especial, é que ao se referir à Idade Hermenêutica, Dosse (2015) anuncia que o moderno regime de historicidade permitiu a superação do modelo clássico de Biografia que exaltava homens ilustres e causava a repulsa dos historiadores ao longo do século XX; o que se busca hoje é trazer à luz os anônimos ou marginalizados da História, ou seja, os homens comuns.

### 3. BIOGRAFIA HISTÓRICA: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de tudo é preciso esclarecer que em nossa compreensão a Biografia Histórica é, antes de tudo, História, tendo assim, como uma de suas marcas identitárias a intencionalidade de construção de um discurso próximo à verdade; ou seja, precisa estar fundamentada nos procedimentos e narrativas próprias dessa disciplina (SCHMIDT, 2012). Assim, ressalte-se que a Biografia Histórica: "deve estar subordinada às regras do *métier*, entre as quais se destacam a necessidade de se ter como guia de investigação um problema de pesquisa histórico formulado a partir de referências conceituais e de fontes documentais apropriadas" (SCHMIDT, 2012, p. 195). Nessa direção, é importante esclarecer os pormenores epistemológicos que fundamentam o fazer biográfico na historiografia contemporânea.

Uma exposição detalhada dos aspectos epistemológicos que fundamentam a Biografia enquanto método de pesquisa se faz sempre necessária, pois o gênero reiteradamente tem sido submetido a uma contumaz crítica: ele possuiaria

um caráter meramente ficcional. Logo, contar uma vida seria apenas uma pretensão descabida, uma empreitada romanesca e antes de tudo, uma ilusão. Aqui nos referimos especificamente a crítica feita pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu em seu famoso texto intitulado *L'illusion biographique*. O cerne da crítica de Bourdieu à Biografia é que a mesma pressupõe que a vida constitui um todo homogêneo, um processo sem conflitos, coerente e cronologicamente orientado que se submete a lógica harmoniosa de um *telos*. Em suas palavras: "O sujeito e o objeto da Biografia (o investigado e o investigador) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência)" (BORDIEU, 2006, p.184).

Quanto à advertência sobre a ilusão da existência de uma vida linearmente organizada, coerente e estável, sem troços, incertezas ou incongruências, Levi (2006) e Dosse (2015) admitem que o ilustre sociólogo tenha razão. Contudo, se afastam dele quando o mesmo considera o sujeito uma entidade não pertinente, e o submete ao arbítrio frio e imperioso das estruturas. Para Bourdieu, a Biografia não tinha relevância alguma.

Nas palavras de Dosse (2015, p. 208-209):

Bourdieu tem em mira sobretudo a ideia de uma continuidade, de um *telos* com tudo o que este implica de linearidade subjacente. Se nesse ponto, temos de concordar com ele, não o seguiremos quando recusa, de modo bem estruturalista, qualquer pertinência ao nome próprio [...] Segundo Bourdieu, o sujeito é uma entidade não pertinente, tanto quanto a sucessão dos acontecimentos.

Corroboramos que Bourdieu (2006) acerta ao nos mostrar a impossibilidade de uma existência cronologicamente coerente e teleologicamente orientada. Entendemos que todos somos, em certa medida, condicionados pelas circunstâncias reais de nossas existências, logo, o contexto de uma vida não pode ser desprezado. Não obstante as críticas realizadas por Pierre Bourdieu (2006), independente do caráter particularmente volúvel da Biografia (LORIGA, 2011) e do fato incontestado do recurso à ficção ser inevitável no trabalho biográfico, nós corroboramos que a Biografia "quer-se também estribada no verídico, nas fontes escritas, nos testemunhos orais. Preocupa-se em dizer a verdade sobre a personagem biografada [...] o biógrafo tem de cruzar suas fontes de informação, confrontá-las para se aproximar da verdade" (DOSSE, 2015, p.59).

Quanto aos cuidados básicos que se deve ter ao se fazer uma Biografia Histórica retomamos aqui mais algumas lições às quais julgamos muito pertinentes. Primeiramente, ao assumirmos os ricos de narrar uma vida devemos ter, entre outras coisas, o cuidado de não ignorar o contexto histórico, pois tratamos de sujeitos



situados e que não são de forma alguma plenamente livres. Contudo, isso deve ser feito sem reduzir o indivíduo as estruturas sociais e econômicas ou aos sistemas de coerção/normativos de uma época, pois acreditamos que “[...] nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação” (LEVI, 2006, p. 179-180). Pelo mesmo motivo devemos também evitar aquilo que Loriga (2011) denomina de “Paradoxo do Sanduíche”, ou seja, precisamos dar conta do feixe de relações que determinam as características e ações dos indivíduos, sem, contudo, reduzi-los as mesmas (LORIGA, 2011; SCHMIDT, 2010).

Desse modo, admitimos a importância do contexto histórico, mas não como um fim em si mesmo. Corroboramos que ele é um elemento que irá “preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo com a do personagem estudado” (LEVI, 2006). Neste ponto, é preciso esclarecer que “[...] o contexto não é algo homogêneo e estático, mas sim composto por múltiplas e dinâmicas relações sociais entabuladas por indivíduos, inclusive aquele que se escolheu para biografar” (SCHMIDT, 2010, p.196).

Não devemos deixar de esclarecer desde o início nossas posições e escolhas. Nenhum biógrafo sai isento do “mergulho no eu” do biografado; e ao mesmo tempo não tem a possibilidade de recontar toda uma vida, oscilando sempre entre o ficcional e o científico. Na verdade, devemos por “[...] as cartas sobre mesa a anunciando nosso ponto de vista de modo a construirmos com o leitor um pacto biográfico” (DOSSE, 2015). Também não podemos nos deixar levar por uma busca compulsiva pela racionalidade e ordenação linear e coerente de ações que sejam plenamente inteligíveis. Deve-se assumir a impossibilidade de se retratar uma identidade específica, homogênea e plenamente coerente (BOURDIEU, 2006). Antes, deveremos focar no fragmentado, no paradoxal, na pluralidade complexa e contraditória da subjetividade, construindo uma narrativa ao mesmo tempo não linear e contraditória (DOSSE, 2015; LEVI, 2006; SCHMIDT, 2010).

Entendemos que a impossibilidade de se reconstruir plenamente e coerentemente uma vida não desabona ou impossibilita o desafio biográfico, antes o enriquece tornando-o “[...] o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições” (LEVI, 2006, p.180); ou ainda, nos termos até aqui colocados, “A Biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de

uma época, com seus sonhos e angústias” (DOSSE, 2015, p. 11).

Diante dessa aporia, ante o desafio de equilibrar-nos de salto alto à beira precipício (DOSSE, 2015), destacamos a importância fundamental do método histórico que se pauta por um máximo rigor heurístico e exegético na comparação e confirmação das fontes (DOSSE, 2015). Por conseguinte, sustentamos que a ambivalência desse gênero não o desabona, antes o torna um palco privilegiado de experimentação para a historiografia, pois “a Biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem a historiografia” (LEVI, 2006, p.168). Logo, “O texto de um historiador-biógrafo deve, portanto, contar a História real de uma vida” (AVELAR, 2012, p. 70).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biografia Histórica é um gênero que tem sido alvo de críticas e polêmicas ao longo do tempo, mas que tem ganhado espaço na historiografia contemporânea. A partir da revisão bibliográfica realizada neste artigo, foi possível perceber que a Biografia Histórica pode contribuir para a reabilitação do sujeito na História, ao reconhecer a agência dos sujeitos biografados e valorizar suas experiências na construção do passado. No entanto, é importante destacar que a escrita da Biografia Histórica exige cuidados epistemológicos, como ter como guia de investigação um problema de pesquisa histórico formulado a partir de referências conceituais e de fontes documentais apropriadas, não ignorar o contexto histórico, não reduzir o indivíduo às estruturas sociais e econômicas ou aos sistemas de coerção/normativos de uma época, e esclarecer os pormenores epistemológicos que fundamentam o fazer biográfico na historiografia contemporânea. Portanto, a Biografia Histórica pode ser uma ferramenta importante para a compreensão da História, desde que seja escrita com rigor metodológico e epistemológico, e que leve em consideração a complexidade dos sujeitos biografados e de seus contextos históricos.

Uma exposição detalhada dos aspectos epistemológicos que fundamentam a Biografia enquanto método de pesquisa se faz sempre necessária, pois como buscamos esclarecer o gênero foi reiteradamente submetido a uma contumaz crítica por parte dos historiadores. Nesse conduto, destacamos que a Biografia histórica é, antes de tudo, História, ou seja, precisa estar fundamentada nos procedimentos e narrativas próprias dessa disciplina, subordina ao seu *métier* (SCHMIDT, 2012). Também se faz necessário fugir dos perigos do que Bourdieu (2006) chama de ilusão biográfica, ou seja, não podemos crer na existência de uma vida linearmente organizada, coerente e estável, sem tropeços, incertezas ou incongruências.

Os ricos de narrar uma vida exigem, entre outras coisas, o cuidado de não ignorar o contexto histórico, pois tratamos de sujeitos situados e que não são de forma alguma plenamente livres, mas isso deve ser feito sem reduzir o indivíduo às estruturas sociais/ econômicas ou aos sistemas de coerção/normativos de uma época. Entendemos que todos somos, em certa medida, condicionados pelas circunstâncias reais de nossas existências, logo, o contexto de uma vida não pode ser desprezado.

Valorizar o contexto não implica torná-lo um tirano que sufoca todas as iniciativas subjetivas fazendo dos sujeitos meros vetores das estruturas. Por isso, devemos evitar o chamado "paradoxo do sanduíche" (LORIGA, 2011). Respondendo ao "pacto biográfico" devemos desde sempre por "as cartas sobre a mesa", isto é, devemos esclarecer desde o início nossas posições e escolhas, pois nenhum biógrafo sai isento do "mergulho no eu" do biografado; e ao mesmo tempo não tem a possibilidade de recontar toda uma vida.

Por fim, concluímos que a impossibilidade de se reconstruir plena e coerentemente uma vida não desabona ou impossibilita o desafio biográfico. O que é preciso enfatizar é que o historiador que se aventura na trama biográfica não deve ter a pretensão de esgotar uma vida, tão pouco rotular uma trajetória. Afastando-se de um idealismo romântico que exalta heroísmos chauvinistas, e de uma apologia aos grandes personagens ou heróis, como faziam as correntes hegemônicas da historiografia no século XIX, hoje, o foco da Biografia está em pessoas comuns, proporcionando lugar a novos sujeitos e diferentes perspectivas historiográficas. Vivencia-se, portanto o que Dosse (2015) chamada de Idade Hermenêutica, fase marcada pela abundante e compósita produção de estudos biográficos, realizados por representantes das mais variadas ciências sociais, tornando-a, pois, um campo de pesquisa privilegiado. Essa postura valoriza a experiência e traz a cena principal da História os homens e mulheres comuns que são resgatados de seu "papel coadjuvante" para o protagonismo que lhes faz justiça. Aparecem desse modo como artífices de suas próprias tramas no tempo.

## REFERÊNCIAS

---

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). **Grafia de vida**: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e voz, 2012.

AVELAR, Alexandre de. Escrita Biográfica, escrita da História: das possibilidades de sentido. *In.*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). **Grafia de vida**: Reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e voz, 2012.

AVELAR, Alexandre de. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v. 24, p. 157-172., 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528>. Acesso em: 15 out. 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In.*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2010.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.333-346, abr. 2011.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo, SP: Editora Universidade de São Paulo, 2015.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In.*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

PINHEIRO, Francisco Felipe de Aguiar. **O Fazer-Se de um Artista-Antropólogo-Professor**: Trajetórias de Geraldo Markan. 2022. 243 f. Tese (Doutorado Acadêmico em Educação) – Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, 2022.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. *In.*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso. Contar vidas em um regime presentista: a polêmica sobre a autorização prévia. *In.*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e voz, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. O Renascimento. 4. Ed. São Paulo: Atual, 1986.